

## A EDUCAÇÃO PÓS-PANDEMIA E OS RETRATOS DA ESCOLA

**Curso de Licenciatura em Pedagogia**

**Período: 1º Período**

**Orientadora**

Professora Ms. Adriana Aparecida de Lima Oliveira.

**Autoras**

- Any Carolini Ferreira
- Izabela Auerswald da Rocha
- Maria Eduarda Dias de Souza
- Maria Eduarda Farias Beiger

### RESUMO

A pesquisa realizada buscou identificar como a sociedade expressa sua opinião sobre o trabalho realizado pela escola e seus profissionais durante e pós pandemia, considerando os apontamentos nas redes sociais como contribuições ou insatisfações para com a educação no contexto atual. Assim, recorreremos aos autores que tratam do desenvolvimento profissional docente como Nóvoa (2009) e Tardif (2021), para entender os motivos que levam os profissionais da educação a serem desvalorizados, bem como esclarecemos que não cabe ao professor decidir todas as ações tomadas pelo sistema educacional e sim implementá-las, como são orientadas pelo governo. A metodologia de abordagem qualitativa propiciou a possibilidade de realizar as buscas pelos relatos nas mídias sociais, com o intuito de levantar e analisar os dados sobre as insatisfações dos envolvidos e o que essas verbalizações pelas redes sociais causam aos profissionais da educação. Percebemos que os usuários tendem a indicar de modo agressivo suas insatisfações, sem entender que as ações tomadas foram de ordem governamental. Diante disso, notamos o desgaste mental que os docentes tiveram durante a pandemia e, não somente os julgamentos, mas também a falta de valorização, reforçando estereótipos negativos que já eram atribuídos a esses profissionais. Além disso, percebemos que a disseminação de falsas informações nas redes sociais influenciavam outras pessoas, que ao não buscarem a veracidade das notícias, auxiliavam a espalhar ainda mais fatos enganosos.

**Palavras-chave:** Profissionais da educação; mídias sociais;

## 1. INTRODUÇÃO

Essa pesquisa foi desenvolvida com o intuito de investigar e refletir sobre o trabalho da escola e de seus profissionais a partir do ponto de vista da sociedade, buscando identificar o conhecimento e a compreensão das pessoas sobre o funcionamento escolar e seus deveres enquanto ambiente público que acolhe diversas pessoas com suas dificuldades e necessidades.

Como problema pesquisa buscamos investigar como a sociedade expressa a sua opinião, ainda que indiretamente pelas mídias sociais, sobre o trabalho da escola e de seus profissionais durante e pós-pandemia?

É de grande urgência um maior entendimento sobre essa temática para que os profissionais da educação sejam valorizados como deveriam, assim como aproveitamos para esclarecer que não cabe ao professor decidir todas as ações tomadas pelo sistema educacional e sim implementá-las, como são orientadas pelo governo. Também é de suma importância o apoio da sociedade para com a escola, dado ao fato de que lutamos perseverantemente para uma educação mais justa e de qualidade.

Além disso, soma-se o fato de que nos últimos três anos, notamos um maior uso da tecnologia e da internet para apoio e auxílio à educação. Esse ponto será mais bem esclarecido no texto de desenvolvimento, mas antecipamos que o uso desses recursos vem sendo muitas vezes mal aplicado, o que pode convergir para um malefício à sociedade. Em decorrência disso, observamos que as especulações e opiniões manifestas pelas mídias sociais influencia de modo negativo no trabalho que é realizado pelos profissionais da educação escolar.

Nesse texto, procuramos trazer à tona essas menções ao trabalho do professor e da escola para avaliar a abrangência dessas manifestações no trabalho desenvolvido pelos professores e os possíveis entendimentos que essas pessoas possam ter sobre a educação durante e pós-pandemia. Uma tentativa de desmistificar a percepção de educação e dos profissionais que atuam nas escolas, em relação a necessidade de recolhimento social e de retomada de aulas presenciais (pela vertente híbrida ou não) que a pandemia, e não a escola, impôs a todos nós.

## 2. DESENVOLVIMENTO

No momento atual da educação que vivemos, dentro de uma suposta pós-pandemia, nossa preocupação está voltada aos profissionais que fazem a educação na escola. Diferente de outros temas suscitados para pesquisa, consideramos que nada ou pouco foi falado até o momento sobre as condições psicológicas e profissionais daqueles que realizam a tarefa cotidiana de educar.

De acordo com NÓVOA (1999),

Os professores são os protagonistas no terreno da grande operação histórica da escolarização, assumindo a tarefa de promover o valor da *educação*: ao fazê-lo, criam as condições para a valorização das suas funções e, portanto, para a melhoria do seu estatuto socioprofissional (NÓVOA, 1999, p.18).

Deste modo, entendemos que o papel do professor dentro da escola, além do processo de alfabetização e letramento, é educar para a vida e seus desafios de maneira socioeconômica, política e profissional. Com isso, o trabalho destes educadores ganhará mais força, visibilidade e valor na educação.

Pretende-se identificar como a sociedade expressa sua opinião sobre o trabalho realizado pela escola e seus profissionais durante e pós-pandemia, considerando os apontamentos nas redes sociais como contribuições e insatisfações com a educação, considerando os apontamentos nas redes sociais como contribuições e insatisfações com a educação no contexto atual.

Supõe-se que o apoio e a colaboração das famílias são de extrema importância tanto para a escola quanto para o próprio estudante. Entretanto, nesse período de pandemia, o trabalho dos profissionais da educação exigiu maior esforço e desempenho, o que resultou em seu esgotamento.

No entanto, ao buscarmos saber como os pais se referiam ao trabalho desenvolvido pela escola em que seus filhos estavam matriculados no período da pandemia, descobrimos que a percepção das famílias em relação a forma como os profissionais atendiam os estudantes naquele momento não era satisfatório. Assim, em alguns casos passam a se utilizar de frases e comentários agressivos e palavras de baixo calão, que mais do que ofender a escola e seus profissionais, não contribuem para superar as dificuldades vividas durante a pandemia

Deste modo, entendemos que os professores e os demais profissionais da escola encontram-se em meio a *feedbacks* nem sempre positivos. Esse tipo de julgamento aflige e ofende, colocando-os inclusive em situação vexatória.

Além da dificuldade em retomar a importância que tinham, os profissionais da educação precisam lidar com esses sentimentos de culpa e incapacidade que lhes foram atribuídos. Contudo, é importante lembrarmos que as críticas à escola e seus profissionais não surgiram durante a pandemia. Segundo Tardif (2021, s/p) “(...) uma crise como a da Covid-19 revelou e intensificou crises que já estavam presentes. Particularmente, essa crise colocou em evidência o problema das desigualdades nas escolas”.

Diante disso, compreendemos que a educação está em crise antes mesmo de haver qualquer indício do coronavírus.

O fracasso escolar se dá por muitos motivos, tendo influência dentro e fora da escola. É fato que, sem o apoio presencial do professor dando a atenção necessária, além do convívio

social que leva o aluno a usar de todo o conhecimento adquirido, o aprendizado tende a ser impactado. Desta forma, vemos a importância do trabalho que é realizado diretamente dentro da escola.

A crise do Covid-19, como fala Tardif (2021, s/p), mostra que “difícilmente os professores podem trabalhar fora da instituição escolar. (...) Se nós fecharmos as escolas, nós não podemos demandar que os professores ofereçam a mesma prestação de serviço”. Ou seja, sem o ambiente necessário para a realização das tarefas, não se pode exigir que as condições de ensino sejam as mesmas as quais eram em “tempos normais” pois muitas inovações, mudanças e adaptações tiveram que ser reelaboradas. Apresentando assim, grandes dificuldades que incluem os novos modelos para adaptação e desenvolvimento dos educadores e educandos.

Em busca de relatos sobre as insatisfações da família em relação ao trabalho da escola, encontramos, principalmente, mães que sofreram e ainda sofrem por estarem sobrecarregadas com a responsabilidade de apoiar e auxiliar seus filhos nas atividades escolares, tais como cita Araujo (2022):

Eu não tenho tempo para lavar um banheiro, para fazer a minha rotina aqui da casa, a roupa está acumulando, meu marido não ajuda. Eu fiquei por conta de ser professora. Nem mãe durante o dia eu sou mais. Tem horas que minha filha mais nova vem falar comigo e eu falo: sai pra lá que estou ajudando seu irmão na lição (Usuário 1, p.8).

Assim, vemos que o trabalho não só pesa para o estudante, mas também para quem o acompanha nessa jornada. Além do mais, Araujo (2022) relata:

Eu acho muito difícil, porque a gente não estudou para ensinar e eu não sei lidar com a educação infantil, para te falar a verdade, para mim, a dificuldade é essa, eu não entendo muito (Usuário 2, p. 8).

Em outras palavras, na educação remota, muitas vezes quem está sendo o braço direito do educando no decorrer da sua aprendizagem são pessoas que mal tiveram acesso à educação quando frequentaram a escola, e entendem pouco ou nada sobre como educar.

Após algumas pesquisas com diversos pais sobre como ensino a distância contribuiu ou complicou a vida dos pais e estudantes, Munhoz (2020, s/p) alega que:

A educação à distância é uma experiência nova e difícil para a maioria dos pais brasileiros, pois nem todos têm recursos e horas disponíveis para ajudar seus filhos com as atividades escolares ou para entender o conteúdo de uma maneira acessível. No entanto, também pode ser uma boa oportunidade para os pais se aprofundarem no tema de segurança online e buscar por ferramentas, ensinando seus filhos a utilizá-las e respeitando as regras básicas para manter a privacidade e suas informações sigilosas seguras no universo digital (Dois em cinco pais estão insatisfeitos).

Com isso, entendemos que a educação remota foi desafiadora e inovadora tanto para os pais quanto para os estudantes. Juntos, puderam explorar muitas coisas que a internet pode

proporcionar e auxiliar no ambiente escolar e domiciliar. Tal fato reafirma a presença e participação dos pais no ensino dos estudantes como uma forma eficiente de contribuição para a educação.

Contudo, em um país que sofre com as altas taxas de desigualdade social, sabemos que a realidade de grande parte da população é bem distante desse fato. Ao mesmo tempo que muitos responsáveis não conseguem acompanhar o desempenho de seus filhos, muitos professores não conseguem lidar com a quantidade de trabalho e dificuldades de seus alunos, principalmente quando o trabalho docente ganhou novos contornos e foi acrescido de múltiplas funções durante a pandemia.

Então, nessa investigação realizada por Araujo (2022) sobre como pais e professores sentiam-se em relação ao ensino remoto, os relatos exaltavam a grande dificuldade em readaptar subitamente suas rotinas, sem saber como fazê-la. Assim, notamos que essa mudança brusca impactou não somente o estudante e sua família, mas também os profissionais da educação. Se anos atrás eles já precisavam lidar com as dificuldades da crise educacional, durante e na pós-pandemia tudo isso se agravou pois, ao contrário do que se pensa e fala, poucos são os professores que possuem um retorno financeiro equivalente ao trabalho que fazem.

Com a mudança do ensino presencial para o ensino híbrido, também observamos relatos em que os profissionais da educação apontam a precarização do seu novo “ambiente de trabalho”. Para Rosenfield (2011, p. 264), essa precarização “[...] se reporta ao trabalho socialmente empobrecido, desqualificado, informal, temporário e inseguro”.

Portanto, entendemos que o trabalho remoto realizado não mais nas escolas, mas na própria residência do docente, durante o período de isolamento, não é um ambiente adequado para que exerçam sua função de ensinar. Além da falta de todos os instrumentos necessários para o trabalho, há também o abandono por parte de todos aqueles que devem auxiliar o trabalho do professor no meio escolar.

Logo, é possível perceber que os professores trabalharam praticamente desamparados durante o período pandêmico, tendo que lidar com todas as dificuldades com pouco ou nada de auxílio, trazendo um grande desgaste para suas vidas profissionais e pessoais.

Com tantas insatisfações e reclamações nesse período de crise educacional e sanitária, a sociedade sentiu a necessidade de expor suas opiniões em busca de compreensões e mudanças. Deste modo, o uso das redes sociais ganhou maior força e visibilidade nesses últimos anos, sendo a “válvula de escape” para as angústias familiares e escolares.

Por considerarem que as mídias sociais são uma “terra sem lei”, muitos de seus usuários desabafam em seus perfis privados, crendo que estão em um ambiente seguro para, em alguns casos, ofender a escola. Entretanto, assim como em todos os lugares públicos e privados, na internet também há regras. A prática de difamação a alguém pode ser punida com detenção de

três meses a um ano e multa, de acordo com o Art. 139 da Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Brasil, 1940).

Ao analisarmos esses ambientes *on-line*, os quais estão sendo utilizados para desabafos, notamos uma imensa rede de violência virtual contra a escola e seus profissionais. Com muita facilidade, encontramos depoimentos com palavras de extrema agressividade e grosseria, usando frases cruéis com intuito de ferir moralmente os docentes.

Indo além dos apontamentos violentos contra os educadores, a sociedade aproveitou da liberdade de expressão para disseminar falsas informações sobre o trabalho da escola e de seus profissionais. Foi nesse momento que o âmbito escolar passou a sofrer com as *fake news*, termo que Gomes (2019, p. 35) define como “relatos pretensamente factuais que inventam ou alteram os fatos que narram e que são disseminados, em larga escala, nas mídias sociais, por pessoas interessadas nos efeitos que eles poderiam produzir”.

Sem maior procura das notícias espalhadas pelas redes em fontes confiáveis, juntamente com as insatisfações já presentes e busca de soluções para os seus problemas, a sociedade começa a acreditar nas notícias e boatos que viam e tendem a espalhá-las muitas vezes utilizando-as como justificativa para atacar ainda mais os educadores.

Essa prática aumenta a pressão sobre a escola e os professores, que não se sentem mais confortáveis e seguros em fazer o seu trabalho pela falta de valorização e reconhecimento. Caminhando de encontro com a sensação da violência psicológica e moral, o que pode ocasionar muitos danos, tais como transtornos psicológicos e mentais.

Como exemplo podemos citar o *burnout*, transtorno do qual a Ferrari (2014) retrata como:

Uma condição de estresse ligado ao trabalho, cuja definição ainda não é um conceito fechado. Alguns autores afirmam que a denominação deve levar em conta a questão da exaustão emocional, outros autores afirmam que essa síndrome é uma resposta inadequada do sujeito diante de uma situação de estresse crônico. Entre as principais características da exaustão característica da síndrome de Burnout, está a falta de energia, a sensação de sobrecarga emocional constante e de esgotamento físico e mental (FERRARI, 2014, p. 1).

Desta forma, o *burnout* acarreta a falta de energia, confiança e capacidade em seus conhecimentos e no próprio trabalho que deve ser realizado e isso pode relacionar-se com os trabalhadores em geral.

Segundo Carlotto (2012) “a profissão docente é considerada pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), como uma das mais estressantes, com forte incidência de elementos que conduzem à Síndrome de *Burnout*”. Assim, entendemos que os profissionais da educação já têm uma certa tendência a sofrerem com o estresse excessivo.

Agora, levando em consideração os últimos dois anos em crise sanitária que foi ocasionada pelo Coronavírus, e todas as dificuldades que não só os professores, mas toda a



população mundial vivenciou, esse estresse se intensificou ainda mais. O esforço exigido para poder fazer os planejamentos de conteúdos, atividades e avaliações, além de achar a melhor maneira de repassar tudo e fazer com que o material chegasse até os alunos, só ampliou essas dificuldades.

Com tantas exigências e pouco apoio a sensação de exaustão se agrava ainda mais, fazendo com que muitos docentes desistam da profissão por não darem mais conta de tanta coisa. E com esse agravamento, desenvolvem-se outras doenças psicológicas como a ansiedade.

Deus (2021, p. 1) diz que “a ansiedade excessiva pode se tornar uma doença (CID 10 F41.1), conhecida como transtorno de ansiedade generalizada. Este quadro faz com que a pessoa apresente sintomas de preocupação e medo extremo diante de situações simples da rotina”. E como visto anteriormente, a atenção e o esforço redobrado têm sido as maiores dificuldades dos docentes, visto que precisam lidar com as novas tecnologias.

Deste modo, a sociedade ao expressar sua insatisfação em relação à escola e os professores, por conseguinte, ampliam significativamente o mal-estar docente e a crise que parece ter se instalado, colocando a sociedade versus a escola.

Costa e Silva (2019, p. 4) afirmam que “com o adoecimento do docente, a escola como um todo adocece, e sua função social acaba não se concretizando – a formação de cidadãos –, para se viver num regime democrático”. Em outras palavras, o adoecimento dos profissionais da educação trará sequelas para todos aqueles que dependem do trabalho daquele professor, pois o conhecimento não será repassado da melhor forma, os problemas escolares não serão debatidos e resolvidos com excelência e, entre outros exemplos, podendo acarretar maiores consequências de curto a longo prazo.

Por outro lado, o docente ainda precisa exercer seu trabalho diariamente, ignorando todo o acúmulo de estresse, pois sente a necessidade de dar a devida atenção a todas as suas responsabilidades. Assim, sua saúde mental e física só deteriora cada vez mais, podendo resultar em outro transtorno psicológico conhecido como a depressão.

Segundo Deus (2021) a depressão “é uma doença psiquiátrica crônica que tem como sintomas tristeza profunda, perda de interesse, ausência de ânimo e oscilações de humor. Muitas vezes é confundida com ansiedade e pode levar a pensamentos suicidas”. Assim, o docente chega em um estado de angústia e desânimo extremo onde não há mais força de vontade para fazer tarefas básicas do dia a dia, muito menos lecionar. Já não vê mais importância no que faz e se sente incapaz, inútil e descartável a ponto de desistir da carreira ou até fatores mais graves.

Em síntese, podemos notar que toda a pressão psicológica que já existia em cima do trabalho dos educadores, no qual se intensificou nos últimos anos, pode engatilhar diversas questões em sua saúde mental. E para evitar tal calamidade, os profissionais da educação precisam de maior suporte tanto da sociedade quanto de autoridades educacionais e

governamentais, que auxiliem não só a escola, mas também as famílias que se encontram em estado de enfermo.

Deste modo, para a **metodologia** da pesquisa realizada, pensamos ser necessário uma abordagem do tipo qualitativa, pois entendemos que as pesquisas que são realizadas sobre a temática da escola e seus profissionais possuem especial importância e requerem um tratamento de dados mais próximo das necessidades desses sujeitos (LÜDKE e ANDRÉ, 1986).

Para tanto, buscamos relatos em mídias sociais, tanto dos professores quanto dos pais e estudantes, com o intuito de analisar dados sobre as insatisfações dos envolvidos e o que essas frustrações causam nos profissionais da educação. Para Lüdke e André (1986), esse tipo de abordagem nos revela dados contextualizados em diversos aspectos, seja sobre os sujeitos, ambientes ou situações. Assim, podemos coletar informações sobre os objetos de observação diretamente quando se quer analisar.

Segundo Gil (2008), usando como base uma teoria científica e estruturada, conseguimos entender quais fatores sociais levaram àqueles sujeitos a terem certo tipo de comportamento. Então, com a abordagem correta a ser aplicada na pesquisa, as informações se expandem para um campo de visão ligeiramente amplo e contextualizado.

Deste modo, entendemos que através da abordagem qualitativa, podemos averiguar melhor os objetivos desta pesquisa e entender o que os dados coletados têm a nos dizer, mostrando as frustrações da sociedade e de onde elas surgiram, juntamente com as características sociopolíticas desses sujeitos analisados.

Juntamente com o método de análise documental na pesquisa qualitativa, utilizamos também da técnica exploratória. Gil (2008, p. 27) comenta que:

Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Esse tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis.

Assim, entendemos que os relatos coletados abrangem amplos assuntos e problemas, que podem ser analisados em busca de suas soluções.

Outra metodologia que utilizamos para o desenvolvimento dessa pesquisa foi a bibliográfica, a qual é usada em quase todos os trabalhos acadêmicos-científicos, pois grande parte do seguimento das buscas é feito em materiais já escritos por outros autores (BRITO; OLIVEIRA; SILVA, 2021).

Ao analisarmos os julgamentos das pessoas sobre o trabalho da escola e docentes, por meio das mídias sociais, conseguimos identificar as frustrações que a sociedade carrega sobre esses profissionais e o que eles esperam e acham que seja o trabalho da educação em si.



Também notamos que, mesmo sem entendimento algum sobre educação e quais os malefícios de uma mudança súbita e prolongada na rotina daqueles que frequentam a escola, a sociedade ainda culpabiliza os professores de todo o dano gerado no processo de desenvolvimento escolar e social de todos os estudantes.

Assim optamos por desenvolver uma pesquisa qualitativa, mas que está vinculada a coleta de dados na web, envolvendo as menções a respeito da escola e dos profissionais da educação. Deste modo, segundo Flick (2009, p. 240), “tem crescido o uso de técnicas qualitativas como a entrevista online, a observação participante, a etnografia virtual e os grupos focais.” na composição de pesquisas. Para o autor, alguns desses métodos podem ser transferidos e aplicados com alguma facilidade à Web, com pequenas modificações (Flick, 2009).

Bryman (2008) aponta duas daquilo que chama de “distinções cruciais” entre os métodos já existentes que sustentam as pesquisas realizada na internet. Explica que o ambiente de coleta de dados pode ser baseado na Web (web-based) ou baseado na comunicação (communication-based). De acordo com o autor, o primeiro trata dos dados que são coletados através da internet, como os questionários *online* que os participantes são convidados a completar. O outro, baseado na comunicação, está relacionado à utilização dos meios de comunicação online, como o correio eletrônico e as plataformas de mensagens instantâneas como os *chats*, disponíveis no *Messenger*, ou em outras plataformas que permitem o diálogo pela via das mensagens de texto.

É nesse último associado a abordagem metodológica qualitativa, que buscamos de modo assíncrono (cujas respostas não são imediatas, mas estão ali, disponíveis para serem lidas) tentar responder ao problema de pesquisa que colocamos.

Castells (2003) ilustra com bastante propriedade como alguns estudos distorcem a imagem da prática social que ocorre na internet. Para este autor, a sociabilidade *online* é uma extensão da vida real, mesmo que envolva a representação de papéis, simplesmente porque o que há por trás de toda tela de computador são pessoas de carne e osso. Destacamos que os julgamentos realizados ferem e trazem consigo o peso dos apontamentos em grande medida, nada generosos que os usuários tendem a utilizar (CASTELLS, 2003).

A difusão das práticas cotidianas com a web, ajudaram a popularizar uma percepção de que o que ocorre na internet não seria identificado ou ainda, se identificado não seria punido. Tomando a web como uma espécie de terreno privilegiado para as pessoas expressarem suas opiniões sem preocupações posteriores.

Hoje sabemos que a internet possui suas regras e os comentários são passíveis de identificação. É uma extensão da vida como ela de fato o é, em todas as suas formas, “mesmo na representação de papéis e nas salas informais de chat e mensagens, vidas reais (inclusive vidas reais *on-line*) parecem moldar a interação *on-line*.” (CASTELLS, 2003, p. 99 e 100).

Nesse sentido, encontramos alguns comentários sobre a escola e o trabalho dos professores que não se mostram construtivos, mas antes tendem a evidenciar uma faceta

maldosa dos usuários de uma rede social, em particular, conforme apontamos na sequência dessa pesquisa.

A **análise dos dados**, partiu da coleta de dados na internet, em específico pelas redes sociais do *Facebook* e *Twitter*. E ao buscarmos o que os usuários das redes falavam sobre o trabalho da escola e de seus profissionais durante a pandemia, pudemos notar diversos relatos negativos, tais como:

*“Militantes travestidos de professores e sindicatos satélites de partidos de esquerda têm uma enorme responsabilidade sobre essa catástrofe educacional. A pandemia foi um período de férias prolongado para eles, servindo para descansarem enquanto recebiam seus salários...”* (Usuário A, 2022);

*“Poderiam caso tivessem o mínimo de decência abrir mão do salário já que não queriam trabalhar, a todo momento querendo procrastinar o retorno das aulas, e os pais apoiavam, engraçado que nas ruas o que mais tinha era crianças brincando, kd o fica em casa?”* (Usuário B, 2022);

*“Os professores não respeitaram os alunos, meu filho está sem aula a bastante tempo. Quer fazer greve faz, pelo menos dava aula dia sim, dia não. Já basta esse pandemia prejudicando o ensino básico.”* (Usuário C, 2022);

*“Eu só quero saber quando vai sair o primeiro pagamento dos pais que estão ensinando seus filhos em casa. Porque nada mais justo do que o governo repartir o salário dos professores com os pais. Pois estamos tendo que fazer a parte deles. A nossa parte de pai é educar, e pagamos nossos impostos para que o governo repasse aos professores. Então como estamos tendo que dividir com os professores o trabalho deles. Temos que ver agora se vamos ter um salário, ou vão diminuir nossos impostos.????”* (Usuário D, 2021);

Desta forma, vemos o quanto a educação está sendo mal interpretada, e como os educadores estão sendo responsabilizados por todo o dano que os estudantes sofrem a tempos — e não só pelo período de pandemia. Gomes (2021, s/p) comenta que a família é o primeiro contato da criança com a educação, pois grande parte do seu aprendizado e desenvolvimento ocorre fora do ambiente escolar. Desta forma, a relação família-escola deve ser um vínculo de parceria, onde existe “[...] *igualdade*, a disposição de ouvir, respeitar e aprender uns com os outros e *paridade*, a combinação de conhecimentos, habilidades e ideias para aprimorar o relacionamento e, conseqüentemente, o desempenho das crianças” (Gomes, 2021, s/p).

Entretanto, outros relatos apontam o oposto a esses ataques. Há queixas sobre a dificuldade que foi em lidar com o ensino remoto, a falta de apoio e o maior esforço exigido durante o período de pandemia. Por exemplo, vemos tais comentários:

*“Eu sou professora e, sinceramente, este “pós pandemia” tá sendo tão difícil, que estou cogitando seriamente tentar uma profissão na qual eu veja a menor quantidade de pessoas possível de gente”* (Usuário E, 2022);

*“Os professores e muitos outros servidores também trabalharam bastante no período crítico de combate à pandemia. No caso do magistério, o trabalho e as despesas para cumprir aulas remotas fez foi aumentar. Por que essa discriminação e exclusão?”* (Usuário F, 2022);

*“Eu vivi pra ver, depois de fazer um comentário contra o retorno das aulas semi presenciais no pior momento da pandemia, pais que são a favor do filho se arriscar indo pra escola, porque não aguentam mais conviver com o filho. Isso é triste demais.” (Usuário G, 2021);*

*“A onda de greves de professores que se iniciou em março pelo cumprimento da lei do piso continua! Todos os problemas enfrentados pelos professores nas precárias escolas do país se agravaram com a pandemia, uma situação ainda mais intensificada pela inflação crescente no último ano” (Usuário H, 2022).*

Assim, notamos que, além de estarem desamparados e sobrecarregados, sentiam toda essa pressão vinda da sociedade, principalmente por serem vistos como os culpados pela crise educacional, conforme podemos observar nos apontamentos de Ferreira, Ferraz e Ferraz (2021, p. 332), quando relatam que:

Neste caso professores que estão ministrando aula na pandemia podem falar deste lugar, compreender o desenvolvimento da ação de ensinar por meio remoto, podem remeter a diferenças e perdas em relação ao ensino presencial, e, certamente, apontar, com conhecimento de causa “vivência” a precarização desse trabalho atualmente realizado.

Com isso, entendemos que quem entende de educação são os profissionais da educação. É quem está dentro da sala de aula, que interage, alfabetiza e, conseqüentemente, sente na própria pele a dor presente nas dificuldades de ensinar pelos meios digitais. A partir de toda a opressão sofrida, o trabalho docente fica ainda mais complexo e exaustivo. Segundo Pagani (2019, p. 94), a desvalorização da profissão de educador é muito comum, trazendo sobrecarga física e emocional a esses profissionais, acarretando o adoecimento e afastamento temporário e até permanente do cargo.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa pretendeu identificar como a sociedade expressa sua opinião nas redes sociais, sobre o trabalho da escola e seus profissionais, a partir da abordagem qualitativa. Para se alcançar tal questão, traçamos três objetivos específicos.

Com o primeiro pretendíamos identificar quais as insatisfações da sociedade relacionadas ao trabalho da escola durante e pós-pandemia. Assim, verificamos que a mesma se sente descontente com as novas metodologias de ensino aplicadas de maneira remota, e até violada com a falta de empatia da parte da escola, então rebatem de forma grosseira e agressiva, sem entender que as ações tomadas foram de ordem governamental.

No segundo, analisamos como a liberdade de expressão é aproveitada para propagar desinformação nas redes sociais. E observamos que toda a revolta manifestada pela sociedade reflete nos comentários carregados de julgamentos e violência, muitas vezes equivocados e com palavras de baixo calão, buscando ofender àqueles considerados alvos de crítica.

E o terceiro e último objetivo seria avaliar o impacto que esses julgamentos e ofensas causam à escola e seus profissionais, além da forma que isso pode interferir na opinião de outras pessoas. Diante disso, notamos o desgaste mental que os docentes tiveram durante a pandemia e, não somente os julgamentos, mas também a falta de valorização, reforçam estereótipos negativos que já eram atribuídos a esses profissionais. Além disso, notamos que a disseminação de falsas informações nas redes sociais influenciavam outras pessoas, que não buscavam a veracidade das notícias, a espalhar ainda mais fatos enganosos. Com isso, provocou-se inúmeros problemas de saúde aos educadores como síndrome de *burnout*, ansiedade e até depressão.

Mediante o exposto, pudemos concluir que, mesmo durante um momento tão sensível tal qual foi a pandemia do Covid-19, a sociedade ainda não conseguiu compreender a complexidade do trabalho da escola e dos profissionais da educação. É possível notar um pouco mais de empatia, mas as exigências só aumentaram sem haver preocupação com as condições em que os professores se encontravam.

E, ao encontrarem-se em um ambiente tão crítico e hostil, a necessidade de um maior esforço fez com que esses profissionais trabalhassem além do que deveriam, ficando frágeis e propensos a desenvolver doenças físicas e mentais, tais como as que foram citadas anteriormente.

Assim, com a hipótese de que a sociedade julga a escola e seus profissionais de maneira equivocada se confirma, pois é possível ver tanto no desenvolver da pesquisa quanto acompanhando no dia a dia como anda a educação. Que aqueles que não a compreendem e não se sensibilizam com seu trabalho, são os mesmos que ganham visibilidade, força e que a regem. Essa sociedade que condena a educação é a mesma que condena cidadãos críticos, que lutam por seus direitos.

Desta forma, sentimos a urgência de um maior cuidado com o ambiente escolar e com todos aqueles envolvidos nele. É preciso que os profissionais da educação tenham apoio não só de órgãos políticos, mas principalmente da comunidade. Os profissionais da educação e a comunidade devem andar lado a lado lutando por igualdade e equidade, pois sem ensino não há sociedade.

Em vista disto, é notável que o trabalho da escola está sendo mal interpretado e julgado erroneamente, muitas vezes sem o mínimo de empatia pela situação que os educadores se encontram. A família, com a ideia de que a escola serve para “educar e criar”, responsabiliza os profissionais da educação por todos os fracassos que vêm ocorrendo desde a pandemia, os quais entendemos que estão presentes há muito tempo, não só no período do coronavírus.

Assim, muitas vezes utilizando de um discurso de ódio, a sociedade impõe aos educadores o papel de culpa e fracasso, dizendo que se aproveitaram de uma situação tão drástica para “tirar

férias” e receber sem trabalhar. Argumentando pela via das bandeiras partidárias, associando o problema educacional com as questões que envolvem as opções políticas.

#### 4. REFERÊNCIAS

ARAUJO, Denise Conceição Garcia. **Percepções sobre o ensino remoto-domiciliar durante o isolamento físico: o que as mães têm a nos relatar?** Scielo Brazil, São Paulo, p. 1-12, jan. de 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/BJqstQXdt5MSRCvQQRpPW7L/?lang=pt>>. Acesso em: 23 de abril de 2022.

BRASIL. Código Penal. Brasília, DF. 1940. Disponível em: <[https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra?codteor=1225916#:~:text=139.,a%20um%20ano%2C%20e%20multa.&text=Par%C3%A1grafo%20%C3%BAnico.,ao%20exerc%C3%ADcio%20de%20suas%20fun%C3%A7%C3%B5es.>](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1225916#:~:text=139.,a%20um%20ano%2C%20e%20multa.&text=Par%C3%A1grafo%20%C3%BAnico.,ao%20exerc%C3%ADcio%20de%20suas%20fun%C3%A7%C3%B5es.>)>. Acesso em: 17 de maio de 2022.

BRITO, A. P. G.; OLIVEIRA, G. S.; SILVA, B. A. A importância da pesquisa bibliográfica no desenvolvimento de pesquisas qualitativas na área da educação. Cadernos da FUCAMP, Minas Gerais, v. 20, n. 44, p. 1-15, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/issue/view/145>. Acesso em: 17 de jun. de 2022.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CARLOTTO, Mary Sandra. Síndrome de Burnout em professores: prevalência e fatores associados. **Scielo Brazil**, Rio Grande do Sul, v. 27, n. 4, p.403-410, jan. de 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ptp/a/B6dwZJD6LLTM5QBYJYfM6gB/?lang=pt>>. Acesso em: 26 de abril de 2022.

COSTA, Rodney; SILVA, Nelson. Níveis de ansiedade e depressão entre professores do Ensino Infantil e Fundamental. **Pro-Posições**, São Paulo, v. 30, p. 1-29, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2016-0143>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pp/a/prLXmmdXG3hdQWTSBgm6JZD/?lang=pt>>. Acesso em: 30 de abril de 2022.

DEUS, Persio. Ansiedade: o que é, como são e como controlar uma crise, 25 sintomas, tratamento. **Minha Vida**, São Paulo, 16 dez. 2021. Disponível em: <<https://www.minhavidacom.br/saude/temas/ansiedade>>. Acesso em: 26 de abril de 2022.

DEUS, Persio. Depressão: sintomas, causas, tratamento e tem cura? **Minha Vida**, São Paulo, 16 dez. 2021. Disponível em: <https://www.minhavidacom.br/saude/temas/depressao#comment-module>. Acesso em: 30 de abril de 2022.

DEUS, Persio. Dois em cada cinco pais estão insatisfeitos com EAD de filhos na quarentena. **Monitor Mercantil**, Rio de Janeiro, 11 de ago. de 2020. Disponível em: <<https://monitormercantil.com.br/dois-em-cinco-pais-estao-insatisfeitos-com-ead-de-filhos-na-quarentena/>>. Acesso em: 23 de abril de 2022.

FERRARI, Juliana Spinelli. **"Síndrome de burnout"**; Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/psicologia/sindrome-burnout.htm>>. Acesso em 25 de abril de 2022.

FERREIRA, L. G.; FERRAZ, R. D.; FERRAZ, R. de C. S. N. TRABALHO DOCENTE NA PANDEMIA: DISCURSOS DE PROFESSORES SOBRE O OFÍCIO. **fólio - Revista de Letras**, [S. l.], v. 13, n. 1, 2021. DOI: 10.22481/folio.v13i1.9070. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/9070>. Acesso em: 6 jun. 2022.

FLICK, Uwe (2009). Pesquisa qualitativa online: a utilização da internet. In: FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, p. 239-253.

GIL, A. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. Sexta Edição. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2008.

GOMES, Renata. Por uma relação família-escola baseada em parceria. **Porvir: Inovações em Educação**, São Paulo, 05 jan. 2021. Disponível em: <<https://porvir.org/por-uma-relacao-familia-escola-baseada-em-parceria/>>. Acesso em: 06 de junho de 2021.

GOMES, W; DOURADO, T. **Fake news, um fenômeno de comunicação política entre jornalismo, política e democracia**. Estudos em Jornalismo e Mídia, Santa Catarina, v. 16 n. 2 (2019): Qualidade no Jornalismo, Democracia e Ética (1). 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2019v16n2p33>>. Acesso em: 24 de abr. de 2022.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

NÓVOA, António *et al.* **Profissão Professor**. 2. ed. Porto, PT. Porto Editora, 1999, p. 18

PAGANI, Gabriela. **Quando os professores desistem: Um estudo sobre a exoneração docente na rede estadual de ensino de São Paulo**. Orientadora: Maria José da Silva Fernandes. 2019. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2019. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/182342/pagani\\_g\\_me\\_arafcl.pdf?sequence=3&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/182342/pagani_g_me_arafcl.pdf?sequence=3&isAllowed=y). Acesso em: 06 de junho de 2022.

TARDIF, Maurice. Publicado e traduzido pelo canal Portal Cenpec. **Vozes educadoras: Lições da pandemia para o futuro da educação**. Youtube, 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Yi4S0iCEUII>>. Acesso em: 23 de abril de 2022.